

Dossiê: Futebol e Narrativas Orais

Apresentação dos Organizadores Bernardo Buarque de Hollanda e Marcos Alvito

Diante de nós, o "velho" jogador. Velho em dois sentidos. Primeiro por ter jogado décadas atrás, tendo iniciado a sua carreira antes mesmo da construção do Maracanã. Este era um marco tão importante para ele e para seus contemporâneos que servia para dividir o tempo em antes e depois do grandioso estádio.

E velho porque diante dos entrevistadores estava um senhor idoso, fisicamente frágil e, por ironia trágica, com as pernas debilitadas, uma delas necessitando de uma operação. O mesmo par de pernas que décadas antes corria por todo o campo, na marcação dura e implacável aos adversários e que o haviam tornado um jogador respeitado, vitorioso em grandes clubes do Rio de Janeiro e para a época bem remunerado.

Começa a entrevista e logo percebemos que também a sua memória havia sofrido com o passar inexorável do tempo. Como em um jogo de futebol, os entrevistadores foram obrigados a mudar de estratégia. Ao invés de tentar conseguir respostas para as nossas perguntas, seguimos o paradigma Zeca Pagodinho e fomos deixando o nosso entrevistado nos levar.

Aceitamos o curso da sua narrativa. Claro que era uma narrativa já elaborada antes, talvez no decurso de várias entrevistas solicitadas pela imprensa. Falava da sua entrada no futebol, do salto profissional para o primeiro grande clube, para a conquista da titularidade e depois dos títulos conquistados.

Ao final da entrevista, todavia, houve algo como um gol na prorrogação. O velho jogador, com uma clareza surpreendente, explicitou de que maneira a rede de relações

que construiu no futebol foi-lhe útil durante décadas. Através dela trabalhou muito tempo em um dos clubes que defendera e depois conseguiu emprego na prefeitura de sua cidade.

Pouco antes do apito final da entrevista lhe perguntamos qual era a importância do futebol para a vida dele. Sem se levantar, põe fortemente as mãos sobre as agora debilitadas pernas e diz: "Isso aqui me deu tudo".

*

Escolhemos esse breve exemplo acima para abrir o dossiê "Futebol e Narrativas Oraís". Ele mostra, por um lado, as dificuldades de se trabalhar com entrevistas. A entrevista é um diálogo e o valor do mesmo depende da habilidade dos entrevistadores e da disposição do entrevistado.

Todo diálogo é um encontro de resultados inesperados. Como nos ensina Alessandro Portelli, o mais importante ao trabalhar as narrativas orais é a busca do significado que os nossos entrevistados atribuem às suas carreiras, à sua participação em determinados eventos ou mesmo às suas vidas.

No caso do velho jogador, a sua carreira e a sua vida se confundiam.

No futebol, muitas vezes o significado tem sido imposto de fora para dentro. Sobretudo as narrativas jornalísticas têm a pretensão de decifrar o que venha a ser um jogador de futebol, um torcedor ou um dirigente. Há uma profusão destas narrativas de segunda mão nos jornais, nas rádios e nas televisões. Claro que elas têm o seu valor.

Mas é preciso perceber que não substituem os relatos de primeira mão dos envolvidos. Felizmente, hoje em dia se multiplicam as pesquisas de cunho histórico e antropológico (para mencionar apenas as mais frequentes) em que a palavra dos atores está em primeiro plano e representa o ponto de partida da análise. Afinal, como dizia

Marc Bloch, "o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça".

*

É essa perspectiva que unifica os oito artigos, bem como a entrevista ao final, presentes neste número, a vigésima primeira edição de nossa revista. Vale dizer que se trata do quinto dossiê organizado pelos editores do periódico *Esporte & Sociedade*, em seus oito anos de existência.

O professor Élcio Loureiro Cornelsen, da Faculdade de Letras da UFMG, integrante do FULIA – Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes –, inicia o dossiê com uma refinada análise de discurso acerca dos diversos depoimentos memorialísticos legados pelo goleiro Barbosa. Trata-se, em termos mnemônicos, de compreender o modo de enunciação de um ‘evento traumático’, vivenciado na final da Copa do Mundo de 1950, e reacionado, desde então, como memória individual e coletiva que vem a ser argutamente analisada pelo pesquisador da área de Literatura.

O segundo artigo é assinado por Luiz Guilherme Burlamaqui, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFF. Ele se dedica a explorar a narrativa biográfica e a construção da *persona* de João Havelange, com base em entrevistas publicadas em livros e em depoimentos orais concedidos a jornalistas.

O desafio de pensar “o dirigente do século XX” faz com que o autor se lance a uma inquietante interpretação acerca do personagem. Nela, Burlamaqui enfatiza os arquétipos de uma elite política e de uma liderança desportiva à brasileira, tal como enunciada em sua fala. Esta se apresenta capaz de mediar conflitos e de buscar a concórdia, graças a valores de congraçamento nacional – a generosidade, a lealdade e a cordialidade de um homem ao mesmo tempo “carinhoso e duro” – idealizado pelo dirigente em sua atuação nos esportes e, sobremaneira, no futebol.

O texto seguinte é de autoria de Carlus Augustus Jourand Correia, mestrando em Educação na UFRJ. Correia examina a formação, a trajetória e os projetos acalentados por aspirantes à carreira de futebolistas na Zona Oeste e no subúrbio do Rio de Janeiro, a partir de entrevistas e de pesquisas de caráter qualitativo. O autor lança mão de referenciais teóricos bourdieusianos e antropológicos para entender as diferenças no acesso à profissão, segundo a variação do pertencimento social-familiar dos diferentes jogadores e dos seus modos de inserção nos distintos clubes cariocas.

Na sequência, Marina de Mattos Dantas, doutoranda na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e integrante do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFMG), se debruça sobre um tema pouquíssimo estudado até o momento: a psicologia do esporte. Valendo-se de quatro aprofundadas entrevistas com psicólogos da área, a autora analisa a sua ação no cotidiano dos centros de treinamento e, inspirada nas indagações foucaultianas, interpela as ambivalências das práticas disciplinares da profissão.

Na outra ponta dessa especialização científica, aplicada ao futebol de alto rendimento, a doutoranda utiliza-se dos dispositivos metodológicos da História Oral para entrevistar profissionais da psicologia que lidam com as categorias de base em clubes do porte de Atlético e Cruzeiro, em Minas Gerais, e de Botafogo e América, no Rio de Janeiro.

As entrevistas foram realizadas nos locais de trabalho e durante a rotina de treinos, de modo a revelar a produção de subjetividades recorrentes “na engrenagem do futebol contemporâneo”. Junto a isto, a autora avalia as resultantes da interação desses psicólogos com os dirigentes, com os técnicos e, especialmente, com os adolescentes observados.

O quinto artigo vem assinado por Marcel Diego Tonini, doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo e integrante do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (LUDENS-USP). O trabalho se concentra na experiência de um jogador profissional brasileiro, vítima de racismo no futebol alemão.

A temática da migração e das práticas racistas e xenofóbicas na Europa é analisada à luz de uma entrevista em profundidade realizada pelo autor com o ex-futebolista. Deste modo, Tonini reconstitui a vivência de um caso singular no exterior e dá a conhecer as especificidades do processo de assimilação desse tipo *sui generis* de trabalhador no mercado europeu dos “pés-de-obra”, tal como configurado a partir da década de 1990, em decorrência da Lei Bosman.

O artigo subsequente tem tripla autoria, sendo escrito por Jonas Mendes Correia, Gustavo da Silva Freitas e Luiz Carlos Rigo – mestrando, doutorando e professor-doutor respectivamente –, vinculados à área de Educação Física na Universidade Federal de Pelotas e na Universidade Federal do Rio Grande.

A pesquisa detém-se na memória dos habitantes de um bairro de característica rural, pertencente à cidade de Rio Grande, colonizado por portugueses. Amparados em entrevistas gravadas nas casas dos seis depoentes, os autores interrogam a maneira pela qual os moradores evocam a existência dos clubes sociais, associados a determinadas famílias locais, e se referem ao futebol amador, tal como praticado na região a partir das décadas de 1930 e 1940.

Os dois últimos artigos versam sobre a sempre instigante temática das torcidas organizadas de futebol. Isabella Trindade Menezes, mestre em Memória Social pela UNI-Rio, explora com extrema acuidade as fontes orais para debater as relações

internas entre agrupamentos torcedores pertencentes a uma mesma agremiação, a saber, o Botafogo de Futebol e Regatas.

Ao fisgar a identidade relacional que tanto une quanto separa duas associações torcedoras, Menezes contrapõe modos vicinais de construção identitária no interior de uma mesma comunidade clubística. Mais precisamente, sua análise incide na retórica presente na linguagem dos “movimentos”, isto é, na busca por categorias nativas diferenciadas e antitéticas ao que convencionou chamar “torcidas organizadas”, de modo geral, e “torcidas jovens”, de modo particular, nas nomenclaturas associativas do torcer no Rio de Janeiro.

Em diálogo direto com o texto anterior, Rosana da Câmara Teixeira, professora da Faculdade de Educação da UFF e autora de um premiada obra antropológica sobre os “perigos da paixão torcedora”, encerra os artigos deste dossiê com chave-de-ouro. Teixeira traz à tona a voz vibrante e turbulenta dos fundadores dos chamados “movimentos populares”, que configuram as mais novas dissidências de torcidas no Rio. Estas vêm travando um debate candente, que a autora é capaz de abstrair no calor dos acontecimentos, sobre mudanças e permanências nas práticas torcedoras concorrentes no cenário atual das arquibancadas cariocas.

O encerramento desse dossiê conta com uma novidade no conjunto das edições de *Esporte & Sociedade*, pois se trata da primeira entrevista publicada na revista, desde sua criação. Bernardo Buarque de Holanda, professor da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas e pesquisador do CPDOC/FGV, e Daniela do Amaral Alfonsi, doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo e coordenadora de documentação e pesquisa do Museu do Futebol, entrevistam o historiador José Sebastião Witter, professor emérito da USP.

Além de pioneiro nos estudos acadêmicos sobre a modalidade esportiva, Witter foi um dos principais responsáveis pela constituição do acervo “Memória do Futebol”, entre o final dos anos 1970 e o início dos anos 1980. Pertencente ao Museu da Imagem e do Som do Estado de São Paulo (MIS-SP), a coleção desses registros sonoros constitui hoje um precioso corpus documental para aqueles que se interessam pela pesquisa baseada em fontes orais e que almejam aplicá-las ao estudo do futebol.